

## RESENHA

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

Josiane de Oliveira Medeiros Führ  
Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Unioeste/Campus de  
Marechal Cândido Rondon  
Josianeom.20@gmail.com

“**Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica” é considerado uma das obras mais amplas e bem acabadas sobre a geografia crítica no mundo. Escrito pelo Professor Doutor em Geografia Milton Santos em 1978, ano de sua primeira edição, o livro constitui-se num clássico dentro da ciência, continuando atual em nossos dias. Neste volume, o autor pretende apontar os problemas que impedem a construção de uma geografia orientada para uma problemática social mais ampla e construtiva. É nesse livro que Milton Santos lança as bases de seu projeto teórico que, posteriormente, culmina na produção da sua obra máxima, a “Natureza do espaço”.

A obra dedica-se a uma revisão crítica da evolução da Geografia e propõe uma nova forma de pensar e fazer Geografia na contemporaneidade. Para tanto, o autor trabalha com algumas categorias geográficas de análise, as quais considera primordiais para o entendimento do espaço em sua “totalidade social”, dentre elas, estrutura, processo, função, forma, e temas diversos como Teoria, Prática, Método e Técnica, sempre presentes nas análises. Dessa forma, o livro estrutura-se em três partes: a) A Crítica da Geografia, b) Uma nova interdisciplinaridade, c) Por uma Geografia Crítica.

Na primeira parte, Milton Santos afirma que a Geografia ainda arca com as consequências da sua juventude e das condições econômicas, sociais e políticas nas quais se desenvolveu. Para tanto, o autor lembra a relação existente entre o colonialismo e a expansão geográfica no fim do século XIX, que justificou as novas conquistas territoriais em prol dos interesses da ideologia imperialista dominante.

Ainda falando dessa Geografia Colonial, o autor critica a excessiva analogia com as ciências naturais feita pela Geografia Humana e destaca essa como uma das razões de sua fraqueza enquanto ciência, uma vez que “[...] não se pode esperar de coletividades humanas um comportamento semelhante ao dos seres vivos mais elementares”. De fato, os fenômenos históricos jamais se repetem da mesma forma, as inter-relações entre os grupos sociais variam no tempo e as leis de desenvolvimento são

regidas pelas relações não funcionais. Logo seria um erro grave transpor, de forma mecânica, o que se passa no mundo físico ao que se passa na história.

Partindo dos fundadores clássicos e suas pretensões científicas, passando pela “New Geography”, até chegar à crise que fez da Geografia a “Viúva do Espaço”, Milton Santos tece seus comentários e reflexões a respeito da revolução quantitativa advinda das grandes transformações que a ciência passou após a Segunda Guerra Mundial, na qual emergem novos desafios, novos paradigmas, novas formas de pesquisa, novos objetos e novas necessidades.

Entretanto, a contribuição quantitativa será pouco útil, e mesmo nociva, prossegue o autor, sem o conhecimento sistemático dos mecanismos. É evidente que a melhoria do método sem a melhoria paralela da teoria não leva ao progresso científico. Embora a precisão da linguagem matemática tenha proporcionado à Geografia a cientificidade tão almejada, o privilégio atribuído às técnicas se tornou um erro grave. Para o autor, o grande equívoco dessa Geografia, chamada Teorética, foi o de “[...] considerar como um domínio teórico o que era apenas um método e, além do mais, um método discutível”.

Milton Santos adverte ainda que a “Nova Geografia” excluiu o movimento social do processo de realização da ciência e eliminou de suas preocupações o espaço das sociedades em movimento permanente, de modo que a Geografia tornou-se viúva do espaço. Assim, o espaço geográfico é estudado como se não fosse resultado de um processo onde o homem, a produção e o tempo exercem o papel essencial, ou seja, ignora a dinâmica do espaço.

Quanto a Geografia da Percepção e do comportamento, é enfática a crítica do autor, que refuta a análise psicológica como um método único de pesquisa da realidade social. Para ele, esta vertente confunde percepção individual com conhecimento, uma vez que a simples apreensão dos objetos por seus aspectos externos fornece apenas o que ele apresenta e não o que representa. Nesse caso, a sociedade total, a dimensão do trabalho e da produção é desconsiderada, somente a percepção individual é valorizada.

Na segunda parte da obra, são abordadas as várias tentativas da ciência geográfica em busca da interdisciplinaridade e da certeza quase que absoluta dos geógrafos em se trabalhar de forma interdisciplinar, mesmo que na realidade isso não ocorra. Na verdade, nota-se, por exemplo, um grande número de disciplinas sociais que investigam o mesmo objeto de estudo ignorando umas as outras, trabalhando com seus próprios métodos e criando sua própria metodologia, muito distante de uma integração.

Isto se deve, em parte, à clássica confusão entre interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Quando se fala em multidisciplinaridade se está dizendo que o estudo de um fenômeno supõe uma colaboração multilateral de diversas disciplinas, mas isso não garante uma integração entre elas, o que somente seria atingível através da interdisciplinaridade, isto é, por meio de uma imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objeto de estudo.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento de toda ciência sempre ocorre nas fronteiras de outras disciplinas que juntas, tornam-se interpretações complementares da realidade humana.

Na terceira e última parte do livro, Milton Santos reserva a discussão sobre a Geografia Crítica e advoga pela criação de um espaço como instrumento de reprodução da vida e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem artificializado. Ele acredita no espaço enquanto um fato social sendo o produto da ação humana, mas também como fator, pois é resultado de processos passados e condição para processos futuros, por meio das rugosidades.

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem incorporado ao espaço. Oferecem mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão internacional do trabalho, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. De fato, esse espaço torna-se testemunho de um momento no mundo, o que leva Milton Santos a afirmar que o espaço não pode ser apenas um reflexo do modo de produção atual, porque é memória dos modos de produção do passado.

Essa forma de interpretação do espaço, proposta por Milton Santos, pretende desmistificar o espaço e encará-lo como uma estrutura social, dotada de autonomia no interior do todo e participando de um desenvolvimento interdependente, combinado e desigual com as outras estruturas. Para o autor, a Geografia tal como é hoje, ajuda a reproduzir e a manter um saber ideológico, não presidido pelo interesse social.

Dessa forma, resta aos geógrafos apenas duas alternativas “Justificar a ordem existente através do ocultamento das reais relações sociais no espaço ou analisar essas relações, as contradições que elas encobrem, e as possibilidades de destruí-las”. É notório que as condições atuais exigem a criação de novas bases de reconstrução de um espaço geográfico que seja realmente espaço do homem e não o espaço a serviço do capital e de alguns.

Todavia, essa nova postura demanda coragem e ousadia de abandonar velhos conceitos e paradigmas defasados pelo tempo que continuam sendo reproduzidos fidedignamente na Geografia atual. É visto que a cada mudança tecnológica profunda, há uma mudança organizacional e social, surgem novas percepções da realidade e novos desafios que exigem a formulação de novas teorias.

Ainda assim, os Geógrafos continuam a integrar novas teorias aos velhos conceitos de espaço, como se os elementos formadores deste último não houvessem mudado de significado. Por conseguinte, cabe ressaltar que não é a teoria nova que reformula a ordenação dos fatos, mas é a nova ordenação dos fatos no espaço que obriga a criação de uma nova teoria.

Portanto, nesta obra de Milton Santos o espaço é visto como matéria por excelência, cuja relação tempo e espaço e a organização espacial revela, através dos períodos históricos, uma sucessão de sistemas espaciais no qual o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no decorrer da história. E é essa atenção à perspectiva temporal que falta às análises geográficas.

Logo, através desta síntese da evolução do pensamento geográfico, Milton Santos propôs uma geografia nova, preocupada, sobretudo com o bem-estar do homem e de uma ciência que seja atuante em prol da restauração da dignidade humana e da construção de um espaço mais humanizado.

Por fim, convém reforçar o mérito desse autor para a ciência Geográfica em especial às suas profundas reflexões sociais e à sua busca incessante em tentar transformar a realidade cotidiana no mundo capitalista. A densidade das análises presentes na obra “Por uma Geografia Nova” em muito vem contribuir para os estudos geográficos e para um novo perfil de pesquisador, mais preocupado com as contradições socioespaciais. Não é por menos que Milton Santos é considerado um dos fundadores da Geografia Crítica.